

## A VOZ DA MULHER NA MÍDIA IMPRESSA

**Cláudia Lukianchuki**

Doutora em Comunicação pela ECA/USP e professora de Comunicação do Centro Federal de Educação Tecnológica de São Paulo (CEFETSP)

Este trabalho é parte de uma pesquisa mais ampla que se situa no Campo da Comunicação e sob a óptica interdisciplinar, versa sobre a problemática do feminino veiculada na mídia impressa. As bases de sua análise se sustentam nos referenciais teóricos da Análise de Discurso de orientação francesa. Através do fenômeno da heterogeneidade da linguagem, busca-se apreender a voz da mulher nos modos de dizer dos jornais *Folha de S. Paulo* e *Diário Popular*, tendo como *a priori* a ilusão da transparência da linguagem.

Também é pressuposto que comunicar não é apenas transmitir informações, mas um processo interativo. Dessa forma, pela Análise de Discurso tem-se a evidência de que a relação entre as palavras e as coisas não é natural, mas lingüístico-histórica, uma vez que se estabelece por sujeitos concretos em condições de produção específicas. Muitas são, portanto, as vozes presentes no discurso jornalístico, contudo o que se pretende verificar é qual é a voz da mulher e quais vozes, de fato, são ouvidas e se estão sob orientação.

**Palavras-chave: Mulher, Análise de Discurso, Heterogeneidade Verbal, Mídia**

### 1. Algumas palavras iniciais sobre o tema

*“... a construção de uma sociedade solidária passa necessariamente por um papel radicalmente maior da mulher nos processos de decisão da sociedade sobre os seus próprios destinos.” (Ladislau Dowbor)<sup>1</sup>*

A humanidade depara-se ainda com problemas sérios não resolvidos. Novo milênio, velhos problemas. De um lado, enriquecimento, progresso, desenvolvimento, de outro, graves problemas sociais continuam em evidência até hoje, apesar dos avanços técnico-científicos. Se o processo de globalização permite, através da Internet, integrar o indivíduo ao mundo, também permite naturalizar algumas das mazelas sociais: ratifica-se a intolerância das pessoas, seus preconceitos, suas discriminações, uma vez que o cenário mundial ainda mantém como atores os excluídos, os ‘a-sociais’: entre eles, índios, negros, pobres, judeus e também a mulher que luta ainda por condições dignas de vida e justiça social.

Em termos de panorama mundial, a mulher é o retrato fiel da discriminação; segregação esta minimizada em alguns países, agravada em outros, mas se ratificam situações de intolerância. Preocupante é também saber que há, no planeta, 2,8 bilhões de mulheres, a maioria delas distribuídas pelos países da Ásia e da África. Metade está em idade reprodutiva, ou seja, entre 15 e 49 anos de idade. Conforme as projeções demográficas, este grupo tende a aumentar cerca de 400 milhões, ou 14%, nos próximos 30 anos.<sup>1</sup>

Considera-se, nesse trabalho, que a relação família e trabalho é bastante significativa no sentido de revelar as transformações por que passa a mulher no tecido das relações sociais. É sujeito-objeto. Observa-se que as transformações na família, em grande parte, se deve ao fato de que o ingresso da mulher no trabalho altera o quadro da sua vida privada, doméstica e familiar, inclusive mudanças importantes na estrutura de geração da renda.

Quanto ao nível familiar, a pesquisa do Datafolha<sup>1</sup> revela que a família brasileira atual distancia-se, assim, do modelo clássico - a família tradicional (extensa, patriarcal e

doméstica) - pai todo-poderoso, mãe dona-de-casa e muitos filhos. Nessa pesquisa, ter família não é sinônimo de casamento: “61% dos brasileiros valorizam muito a família, mas só 31% acham o mesmo do casamento, que vem se tornando cada vez mais nos anos 90; para a maioria das pessoas, o fundamento da vida em comum é o amor.”<sup>1</sup>

Alguns dados dessa mudança são relevantes: 3,2 milhões são mães solteiras; 1,7 milhão cria seus filhos sozinhas e 1,5 milhão, na casa dos pais; separados ou viúvos, com filhos, são 6,1 milhões; 2,1 milhões de solteiros com mais de 40 anos ainda moram com os pais; o casamento é cada vez menos o elo fundamental da família: a família em primeiro lugar com 61% e o casamento, em sexto, com 31%.

Ainda nessa pesquisa, convém destacar o papel da mulher, ou melhor, mulher-mãe: é considerada a figura mais importante da casa, mas suas tarefas não diminuíram.

## 2. Metodologia do levantamento do *corpus*

Para se apreender a voz da mulher na mídia impressa, dos jornais – *Folha de S. Paulo* e *Diário Popular* - foram extraídas notícias, reportagens e artigos bem como editoriais sobre o tema MULHER correspondentes ao período que a pesquisa recorta, anos 1998 e 1999. De 1999 apenas o primeiro semestre foi considerado.

Num primeiro momento de leitura das matérias dos jornais selecionados para a pesquisa, considerando o tema mulher, pôde-se apreender que, em relação aos temas, os mais recorrentes foram a violência, a saúde, o trabalho e a família, embora em graus diferenciados de jornal para jornal, de tema para tema.

Ainda no ano 2000, o que predomina são matérias ditas “típicas para a mulher,” impregnadas de uma carga valorativa e estereotipada em relação a sua imagem. Em primeira leitura, o que se depreende é que, no universo feminino, há poucas ou quase nenhuma mudança quanto a temários: beleza, casa, decoração, culinária, moda. Com isso, não se pretende dizer que esses temários não fazem parte hoje do mundo feminino. Eles continuam a ter importância, mas já apontam mudanças: a beleza tem outro sentido, assim como a culinária, a decoração etc. Falta acentuar a participação da mulher em questões sociais de forma a captar as tendências atuais de transformação operadas pela mulher no mundo do trabalho e em entidades representativas da sociedade: ONGs, sindicatos, associações de classe, por exemplo.

Diante do exposto, dos jornais em questão não foram considerados cadernos específicos para a mulher, para que não haja contaminação aprioristicamente. Buscou-se a apreensão da sua imagem em matérias veiculadas em editoriais como política, economia, cotidiano etc., melhor dizendo, não dirigidas especificamente a elas.

Após esse primeiro contato com os jornais, considerou-se necessário recortar mais o tema MULHER como forma de vitalizar as questões sociais e não meramente repetir temários constantemente presentes no imaginário da sociedade. Desse ponto de vista, emergiram dois subtemas significativos: família e trabalho.

Como suporte para a coleta de dados do material jornalístico foi utilizado, com adaptações, o Método da Semana Composta<sup>1</sup>, validado pelo Centro Internacional de Estudos Superiores de Periodismo para a América Latina – CIESPAL. Procedeu-se da seguinte maneira para a obtenção do *Corpus* de acordo com esse método: por ser jornal diário, selecionou-se uma semana por mês e em seqüência diferenciada. Em outras palavras, no mês de janeiro, foram recortados os textos da primeira semana, em fevereiro, da segunda semana, em março, da terceira e em abril, da quarta. De maio em diante, repete-se a seqüência.

Após o levantamento do *corpus* com a utilização do *Método da Semana Composta*, procedeu-se à análise propriamente dita. Nessa etapa, o objetivo é recuperar os referenciais

teóricos discutidos ao longo da pesquisa em uma relação dialógica com os princípios da Análise do Discurso

### 3. Análise do *corpus*

Nessa instância, o percurso se fará considerando as marcas dos segmentos a serem analisados e tendo como pressuposto que as vozes não se dão a ler naturalmente, ou, pelo menos, nem todas elas.

Nesta fase de análise não se pretende percorrer à exaustão todos os textos dos dois jornais, mas proceder a recortes, como é próprio da AD, conforme os propósitos estabelecidos para esta fase. Algumas questões vão ser os motivos básicos da atual condução, mas não com o intuito de responder como se fossem perguntas e respostas num movimento de pingue-pongue, mas sim o imbricamento dessas questões nas seqüências discursivas que serão tomadas como base para a nossa análise. No texto, é dado espaço para as pessoas assumirem a sua voz? Que intersecção com outros discursos suas falas revelam? De que forma essas vozes constituem o discurso jornalístico? Como se dá a construção das vozes sociais? A relação entre as vozes é dialética ou são apenas dissonâncias ou ressonâncias? Qual é a voz da mulher? Nesse sentido, que regularidades que percorrem os discursos dos jornais? Os discursos dos jornais em questão são ressonantes ou dissonantes? As possíveis mudanças apreendidas são indícios da existência de um discurso que se pauta pelo mesmo (relação parafrástica) ou pelo diferente (relação polissêmica), evidências de um discurso polêmico ou autoritário?

Diante dessas considerações, depreende-se que as vozes são a centralidade da análise, não interditando a mobilização de outras noções na medida do necessário.

Em se falando de discurso jornalístico, as notícias/reportagens trazem, em sua constituição, traços históricos e sociais, e isso faz parte dos processos de significação: linguagem e história se constituem mutuamente e os sentidos precisam ser pensados em sua historicidade. Os sentidos resultam de um processo de inter-ação texto-leitor, por isso é equivocada a idéia de que eles ou estão presos ao texto ou emanam do sujeito.

Para melhor compreensão de todo esse movimento de análise alguns aspectos são relevantes: a compreensão da opacidade da linguagem, a historicidade do sentido e a noção de sujeito.

Reportando-se ao tema, duas questões emergem: 1) trata-se de analisar o discurso sobre a mulher e não o discurso da mulher; 2) trata-se de verificar em que medida é dado o espaço para a mulher assumir a sua voz. Disso decorre que a constituição do *corpus* será de recortes significativos para este enfoque, ou seja, serão extraídas seqüências discursivas de referência. Pressuposto é que, apesar de a imprensa possibilitar a pluralidade de vozes, o resultado final é que os sentidos são direcionados privilegiando a posição-sujeito determinante. Disso não exclui, em hipótese alguma, a reelaboração por parte do sujeito-leitor: a realidade dada também é realidade refratada.

A partir desse momento, os jornais serão analisados em separado, tendo em vista a seqüências discursivas tomadas como base, comprometidas com os objetivos a serem alcançados. Um fato que daria um encaminhamento à seleção das seqüências discursivas seria a comparação entre temas e acontecimentos específicos. O tema é o mesmo para os dois jornais, mas não houve ocorrência de um mesmo acontecimento a ser relatado pelos dois jornais. São comuns aos dois, também, os subtemas, família e trabalho, mas sem um acontecimento específico como ponto de partida.

Um outro aspecto também se torna importante para entender os verdadeiros objetivos dessa pesquisa em consonância com o campo científico em que ela se insere. Não interessa à comunicação o desfile dos vários termos com a sua identificação que podem referir-se às

questões que estão sendo analisadas, mas sim o fenômeno dialógico em si mesmo. Ele é que traz a essência da relação eu/outro nas suas mais diferentes acepções. Através dele é que se poderá realmente constatar se há pluralidade ou não de vozes e que vozes estão sendo ouvidas e de que maneira. Dito de outra forma, interessa à pesquisa as marcas dessa interação e não o controle quantitativo delas.

Observação: A ilustração será feita apenas com o subtema família analisados nos dois jornais, no entanto a pesquisa toda trata dos subtemas família e trabalho.

### 3.1. O jornal *Folha de São Paulo*

#### **Subtema Família**

SD= seqüência discursiva

SD1 - (Lei de aborto não deve ser mudada, de 10/01/98)

Muitas mulheres revelaram partilhar de uma ideologia conservadora, patriarcal, pouco inovadora e ousada.

Sobre a sexualidade dos filhos, a maioria das entrevistadas respondeu que não aceitaria que seus filhos mantivessem relações sexuais sem compromisso.

“Sabendo das estimativas da Organização Mundial da Saúde (OMS), que indicam para o Brasil a cifra de 1,5 milhão de abortos mundiais cabe indagar até que ponto a forte ideologia religiosa e patriarcal contra o aborto determina a contradição entre o pensar e o agir das mulheres brasileiras, que teria sido expressa pelas nossas entrevistadas”, afirma Sílvia Pimentel.

SD2 - (Violência doméstica empobrece mulher, de 08.02.98)

“Este é um problema agudo de desenvolvimento econômico e social”, diz o economista norte-americano Andrew Morrison, 37, coordenador do núcleo Mulher em Desenvolvimento, do BID, e um dos pesquisadores.

“Não podemos esperar que um país tenha um desenvolvimento pleno quando quase metade de sua população está sujeita à violência em casa e, em conseqüência, não consegue dar sua melhor contribuição”, afirmou à Folha.

“Quando há um alcoólatra na família a conduta de todos os membros da família passa a depender do álcool. Com a violência doméstica, ocorre o mesmo. Quando o pai é violento, não só a mãe, mas também os filhos são atingidos”, afirma Heleieth Saffioti, 64, professora de Sociologia da PUC-SP (Pontifícia da Universidade de São Paulo)

SD3 – (Bailarina tem receita contra agressão, de 08/02/98)

“Aprendi a perceber com quem estou andando. Primeiro, analiso a estrutura familiar da pessoa, vejo como seu pai trata a mãe. Se homem está acostumado a ver respeito em casa, já é bom começo”, diz.

Ela conta que seu relacionamento começou “como um namoro normal, desses que todo mundo vive, com mil sonhos”. “Tinha 25 anos, ele mostrava ser uma pessoa cheia de planos, decidida.”

SD4 - (Maternidade roubada, de 16/03/98 – editorial)

“Ora, segundo a Secretaria da Administração Penitenciária, as próprias presidiárias apontaram o medo do aborto e o distanciamento dos filhos como os dois maiores problemas que enfrentam. Não se pode omitir a desigualdade de direitos entre homens e mulheres também quanto às oportunidades para a vida sexual”.

SD5 - (Consumidor e cidadão, de 29/04/98 )

Donas-de-casa reunidas para zelar pela qualidade de produtos ou associações de ‘vítimas de atrasos aéreos’, por exemplo, batem-se por questões que deveriam estar salvaguardadas pelo poder público.

SD6 - (Estava em busca de uma sensação nova, de 03/05/98)

“Em um minuto, vi minha criança se transformando em mulher. Não foi nada fácil”, diz Valderes C., 39, ao lembrar do momento em que descobriu que a filha L.J.C. estava grávida aos 13 anos.”

“Tive de passar por cima do preconceito de colegas, de professores, mas sei da importância dos estudos e fui adiante.”

SD7- (Garota treina com boneca para ser mãe, de 03/05/98)

“Vejo tantas meninas jovens com filhos na TV que também fiquei com vontade. O meu sonho era ter uma criança”, diz.

SD8 - (Desemprego gera disputas por pensão alimentícia, de 16/06/98)

SD9 - (Mulheres revêem direitos da humanidade, de 23/08/98)

Filósofa italiana conta como foi feita a nova declaração (diálogo entre Folha e Gabriela Bonacchi)

SD10 (Estudante diz ter asfixiado a mãe até a morte em Mirandópolis, de 20/11/98)

O estudante Vítor Alex dos Santos, 21, disse à polícia Ter asfixiado até a morte sua mãe, Marli Ferreira dos Santos, 50, depois de discutir com ela sobre sua paternidade que nunca fora reconhecida.

Ele negou envolvimento com as outras mortes - de avó e de um casal de tios.

Para o delegado Natanael Pinheiro da Silva, ele continua sendo o principal suspeito.

SD11 (A sexualidade feminina e a origem da sociedade, de 27/12/98)

O antropólogo Lévi-Strauss comenta as tentativas de explicar a ausência do cio na espécie humana. (Especial para o La Republica)

SD12 (Mãe diz que filho foi espancado, de 06/05/99)

Familiares dos jovens das unidades 12, 13 e 14 da Febem afirmaram ontem que a rebelião foi provocada por maus-tratos nos governos.

“A revolta ontem (anteontem) começou porque um funcionário chutou o prato de comida de um garoto”.

*Com relação às transformações que estão acontecendo na estrutura familiar, o jornal FSP, de fato, vai informando o leitor sobre essas mudanças. O problema não está, portanto, no conteúdo das informações sobre a família, mas no fato de que, em geral, elas se detêm mais no acontecimento em si – o assassinato, a menina que engravida, etc. do que no enfoque sobre a família. O leitor mais desatento poderá desviar sua atenção e não centrar a questão na família, o que, não resta dúvida, é o intento do jornal, ou seja, o relato do acontecimento em si é que é notícia. Antes de ser a notícia de como a família está se desestruturando, é o crime que interessa, é a gravidez a questão. Um outro dado que confere com a pesquisa sobre família é o destaque para a figura da mãe. A mãe como centro nas relações familiares, não necessariamente se confirma como chefe de família, mas como*

*importância com relação ao seu papel social.* Na realidade, o que existe é um já-dito na sociedade que reiteradas vezes reforça a figura afetiva da mãe muito mais do que a do pai. Os traços culturais reveladores de uma família conservadora centrada ainda no patriarcalismo parecem sobreviver, apesar das mudanças, ou mesmo com a erosão de determinados valores. Mais do que família é o casamento em si que é valorizado, é o que destaca a pesquisa. A família se vê, por um lado, abatida pela questão econômica (o desemprego e essa é uma das causas do seu esfacelamento), por outro, pelos estrangulamentos dos valores sociais. A cisão economia/sociedade que se verifica na atualidade também se reflete na família. Geralmente, mas há várias exceções, o fator econômico interfere na relação familiar, desde o fato de expulsar as pessoas para a vida pública através do trabalho, principalmente no caso da mãe, portanto, com certas dificuldades de dar a mesma assistência aos filhos em especial, no plano afetivo. A mulher não é valorizada em seu trabalho doméstico, inclusive nem consta das estatísticas este tipo de trabalho. De maneira geral, não aparece a caracterização da família. Em geral, ela é vista sob a perspectiva de problemas que envolvem saúde, sexualidade e maternidade. Índices de violência denunciam que todas as classes são afetadas desorganizando a família, fazendo-a mudar seu comportamento: "Violência doméstica empobrece a mulher," "Crime contra a mulher é cometido por parceiro," "Maioria dos crimes acontece de fim de semana" etc.

De acordo com o recorte da pesquisa, os segmentos discursivos revelam marcas norteadoras dessas transformações, mas também das resistências ou reprodução dos valores tradicionais. O que se observa, em termo das vozes e em especial da voz da mulher, também mantém conexão com o social, ou melhor, são determinadas pelo social. Por isso, os sentidos precisam ser pensados na sua historicidade.

As seqüências discursivas, tomadas como referência, confirmam a relação dialógica sempre presente nas notícias/reportagens da FSP, o que não deixa de ser um exercício democrático. De fato, praticamente em todos os textos, tem-se a marca da heterogeneidade mostrada e marcada. Em seu histórico, o jornal FSP assume cumprir em seus textos "três metas: informação correta, interpretações competentes sobre essa informação e pluralidade de opiniões sobre os fatos". Nesse sentido, a *Folha* não é desmentida em nossos recortes ou seqüências discursivas de referência. No entanto, uma das marcas da AD é acenar sempre com a ilusão de transparência da linguagem.

Se a pluralidade de opiniões é um dado significativo, isso não basta. Mais do que ter vozes presentes no discurso, é preciso saber quais estão sendo ouvidas, considerando cada fato que esteja sendo noticiado. O espaço para vozes dissonantes, principalmente, se dá em "Tendências e Debates" que, na década de 70, abre espaço e "dá a voz a intelectuais e políticos perseguidos," sugerindo um certo apartidarismo (?) divulgado com insistência. Entretanto, resta saber que rede polifônica se constrói ao longo dos seus textos e quais as suas características. De que maneira tudo isso está determinado pelas condições de produção, ou seja, os sujeitos e a situação. As condições de produção, segundo Eni Orlandi<sup>1</sup>, existem em sentido estrito, isto é, o contexto imediato e em sentido amplo, o contexto sócio-histórico ideológico.

O sujeito enunciador – a *Folha* e os profissionais que trabalham nela e para ela – devem estar bastante conscientes dos propósitos da empresa, uma vez que, por escrito, em seu *Manual da Redação*, a sua idéia de notícia não deixa dúvidas: "A *Folha* considera notícias e idéias como mercadorias a serem tratadas com rigor técnico." Primeiro, a idéia de mercadoria que dá um rumo decisivo ao encaminhamento das notícias; segundo, "o rigor técnico" a que se refere, muito mais do que simplesmente revelar uma preocupação com o produto a ser vendido para o leitor, é um conjunto de normas em que os profissionais têm que se enquadrar. Em outras palavras, as questões ideológicas, os posicionamentos políticos estão

em jogo. Então, é preciso saber o que escrever, como escrever e para quem, ou seja, o leitor da classe média<sup>1</sup>.

Do domínio discursivo em questão, através das seqüências discursivas eleitas, no que concerne à pluralidade de idéias propaladas pela *Folha*, que “acredita que a democracia se baseia no atendimento livre, diversificado e eficiente da demanda coletiva por informações”, podem ser percebidas algumas marcas, que dão o tom dessa democracia. As marcas mais comuns encontradas na identificação da relação dialógica – o eu enunciador e o eu enunciatário (o outro) foram observadas, principalmente, no uso do discurso relatado, isto é, o discurso direto, o discurso indireto, o uso das aspas a modalização pelo envio a um outro discurso, principalmente o tal discurso de autoridade, ou o discurso competente (segundo fulano de tal...). “*As formas de representação de discursos de outrem são apenas manifestações de uma propriedade constitutiva de todo discurso, que é trabalho sobre outros discursos, negociação permanente de sua própria fronteira.*”<sup>1</sup>

Se a frequência que se observou foi esse uso, algumas observações tornam-se importantes para o entendimento de como se constrói essa relação dialógica, ou mesmo como se evidencia o caráter democrático com relação aos diversos pontos de vista. O uso do discurso direto, ou seja, a voz da pessoa presente no texto, é usado principalmente para os chamados discursos de autoridade: a voz de uma pesquisadora, de um delegado, de um advogado, de um político etc. As ditas vozes respeitadas na sociedade, portanto possuem o discurso competente. Na SD2, existe um exemplo curioso que mostra a outra face dessa questão: “Mãe diz que filho foi espancado”. Ao anônimo não se ressalta o discurso. No segmento tomado como base, há duas marcas de discurso indireto e somente uma de discurso direto. Ou seja, em dois momentos, a voz é representada por outro.

Outro dado importante em relação a toda essa discussão é a qualidade da construção dessa rede polifônica com vistas a alcançar diferentes pontos de vista. Não basta ouvir as vozes, o importante é saber que vozes são ouvidas e que conjunto constituem. Por exemplo, na SD4 “Maternidade roubada”, existe a voz da Secretária da Administração Penitenciária, mas há silêncio quanto à das presidiárias. E ainda é a representante da Secretária da Administração Penitenciária que fala pelas presidiárias: “as próprias presidiárias apontam o medo...”

Há uma constância no uso dessas marcas ao longo dos textos produzidos pela *Folha*. Elas, também, foram verificadas no subtema a seguir, o trabalho, constituindo um dos índices da paráfrase, ou seja, reprodução de uma forma.

### **3.2. Jornal Diário Popular**

Como o discurso jornalístico traz em si as marcas da repetição, existe, para usar um conceito foucaultiniano, uma ordem do discurso a ser respeitada e cujas interdições devem ser cumpridas. As marcas do *discurso sobre* não diferem muito de jornal para jornal. O determinante são suas condições de produção. Portanto, não se pretende discutir novamente no DP o que já se falou em relação à FSP, aquilo que é comum entre ambos.

Em relação ao jornal DP, o primeiro dado importante é que as matérias são dirigidas a uma classe social diferente, principalmente C e D. No entanto, Vale Júnior, o entrevistado do DP<sup>1</sup>, aponta um crescimento rumo à classe B. Essas questões são relativas, pois esses dados são internalizados pelos jornais, mas não há uma pesquisa mais detalhada que dê conta dessas questões.

Por esse prisma, os subtemas apresentados – família e trabalho - estão voltados para as emergências dessa classe social e o tom que se tem é que a violência, a tragédia está sempre relacionada às notícias, principalmente no que concerne ao subtema família. Uma relação talvez seja possível: na entrevista do Sr. Vale Júnior, um dos destaques – no sentido

de mais lido - foi o caderno polícia., revigorando-se sempre a famosa expressão de Cremilda Medina, notícia – produto à venda. Apenas alguns títulos das notícias/reportagens já são evidências: “Matou a mulher e o amante e se suicidou”, (05.01.98) “Mãe é presa ao admitir ter assassinado dois filhos”(06.01.98), “Mulher se desespera ao saber que matou o marido”(21.03.98), “Paraibana ciumenta tenta matar o marido e dá trabalho à polícia”(20.07.98) “Mãe que jogou bebê em lixão quer recuperar a filha” (06.05), etc. As matérias buscam atingir mais o emocional do que o racional. Numa leitura em nível superficial, pode-se depreender que a violência é algo dos pobres e não da desigual distribuição de renda. Há aí uma questão social grave que está sendo denunciada, mas não se circunscreve apenas a esta classe social.

Uma das marcas do texto do DP é, principalmente, aproximar-se da idéia de contar história, como se alguém estivesse conversando com outro em casa, num bar, em uma situação qualquer, contando o fato. Exemplo típico é a notícia “Matou a mulher e o amante e se suicidou”, de 05.01.98. Esse aspecto de informalidade, tangendo a oralidade é uma característica desse tipo de leitor, daí a utilização de expressões bem típicas desse coloquialismo: “Mas é com este preto? Teria gritado José Aparecido que atracou com Luiz Carlos”<sup>1</sup>.

Não deixa também de ter um toque de ficção a história: “O sonho maior de Marlene (em Hiato, de 12.02.98) – que largou tudo para casar com um húngaro...” em nível diferenciado do tom ficcional da FSP. A história de Marlene também conta a história de muitas outras mulheres de baixa renda, a dependência, a submissão, a vida pessoal que se esvai na construção e manutenção da família, a ponto de negar a si o direito de ser feliz. No caso de Marlene, tomado como exemplo, exemplifica-se como essas mulheres vão tomando como normais tais comportamentos do marido, naturalizando-os assim, admitindo uma agressão maior: a discriminação racial: “Ele tinha medo que a criança nascesse preta e começou a me maltratar.” Sua humildade é tamanha que se esquece de seus direitos ou nem sabe que eles existem: a existência de uma lei que a ampara. Não é nenhuma surpresa o fato que, exatamente, dessa mesma forma foi a abordagem do preconceito racial na novela *Por amor*, de Manuel Carlos. Ficção e realidade fundindo-se.

Em suma, no caso do DP, a referência à família se dá através da violência. Não que o jornal tenha a intenção de falar sobre a família. O enfoque é, de fato, a violência. Violência que vira mercadoria e circula pela Grande São Paulo.

#### 4. Conclusão

Postas essas questões em relação aos jornais, o mais importante para o comunicador profissional é a consciência de que não se pode assumir a naturalização de determinados discursos sem lhe conhecer a essência. A violência não se encontra apenas nas mortes, nas agressões físicas, mas também na sedimentação de determinadas idéias que são perversas (a fábula e a perversidade a que se refere Milton Santos<sup>1</sup>), idéias que nada mais fazem do que fragmentar o social, dilacerar os valores humanos. A violência simbólica é mais perigosa. Ela pode se instalar sem que se tenha consciência, transformar-se em discurso social aceitável.

Esse cenário configura um alerta, em especial, aos profissionais de comunicação, o seu papel social. Imprimir, no seu trabalho, as marcas da transformação rumo a uma transformação do mundo significa não se repetir continuamente, não reproduzir, apenas, o dado. Deve-se deixar as marcas de um profissional criativo, entendendo como aquele que procura uma melhor qualidade de vida, inclusive do ponto de vista ético. Não se pode contestar a manipulação dos meios de comunicação e, depois, atuar como profissional na sua sempre consolidação.

Da mesma maneira ressoam as palavras de Maria Aparecida Baccega:

“Aos profissionais de comunicação é necessário tornar claro o papel da linguagem verbal no produto cultural, desde a influência que ela exerceu/exerce na formação do próprio comunicador/produtor até as questões relacionadas à adequação da linguagem verbal na construção das personagens, pôr exemplo, ou na elaboração de um texto jornalístico ou de uma peça promocional. E mais: refletir sobre o papel da linguagem na manifestação da arte e da consciência, visto que ela está presente em todos os atos de compreensão e interpretação da realidade objetiva.

A linguagem está presente, portanto: a) na formação do comunicador; b) na elaboração do produto cultural de que ele se mostra capaz; c) no espectador, leitor ou ouvinte. Temos, portanto, de conhecê-la.”<sup>1</sup>

## BIBLIOGRAFIA

- BACCEGA, Maria Aparecida. Linguagem verbal e meios de comunicação. In: *Revista Comunicações e Artes*, São Paulo, n.15, p 25-36, 1990.
- BAKHTIN, Mikhail (Volochinov). *Marxismo e filosofia da linguagem*. São Paulo: Hucitec, 1978.
- BARROS, Diana Luz Pessoa de e Fiorin, José Luiz (orgs.). *Dialogismo, polifonia, intertextualidade*. São Paulo: EDUSP, 1994. (Ensaio de Cultura, 7)
- BERQUÓ, Elza. Arranjos familiares no Brasil: uma visão demográfica. In: *História da vida privada no Brasil: contrastes da intimidade contemporânea*. São Paulo: Companhia das Letras, 1998. p.411-38.
- BRAIT, Beth. *Bakhtin, dialogismo e construção do sentido*. Campinas, SP: Ed. da UNICAMP, 1997.
- DOWBOR, Ladislau. *A reprodução social: propostas para uma gestão descentralizada*. Petrópolis, RJ: Vozes, 1998.
- FAMÍLIA. *Folha de S. Paulo*, Caderno Especial, 20 de set./98. (Pesquisa Datafolha)
- INDURSKY, Freda. *A fala dos quartéis e as outras vozes*. Campinas, SP: UNICAMP, 1997. (Coleção Momento)
- \_\_\_\_\_ e FERREIRA, Maria Cristina L.(orgs.). *Os múltiplos territórios da análise do discurso*. Porto Alegre: Editora Sagra Luzzato, 1999. (Ensaio; 12)
- KIENTZ, Albert. *Comunicação de massa: análise de conteúdo*. Rio de Janeiro: Eldorado, 1985.
- MAINGUENEAU, Dominique. *Termos-chave da análise do discurso*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 1998.
- ORLANDI, Eni P. *Análise de discurso: princípios & procedimentos*. Campinas-SP: Pontes, 1999.

Observação: A seleção do material para a formação do *corpus* foi extraída dos jornais *Folha de S. Paulo* e *Diário Popular*, período 1998-1999  
CD-ROM *Folha 99* (1994-1998)

<sup>1</sup> Maria Aparecida Baccega, Linguagem verbal e meios de comunicação, *Revista Comunicações e Artes*, p.36.